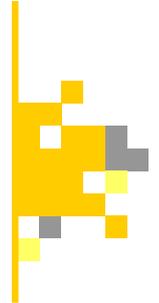


## ENTREVISTA

### Thiago Damasceno Pinto Milhomem

(Doutor em História, Técnico em Assuntos Educacionais, Instituto Federal de Goiás)



#### Sobre o entrevistado

Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Goiás (IFG) – Câmpus Goiânia Oeste.

Tem experiência de pesquisa em história e cultura árabe-islâmica e também atua como produtor de conteúdo no projeto História na Medina (Instagram/YouTube).

ORCID: 0000-0001-9209-2683

Lattes: 2720320189936855

E-mail: [thiago.milhomem@ifg.edu.br](mailto:thiago.milhomem@ifg.edu.br)

**1. A guerra de narrativas, a guerra de propaganda é um componente indissociável da História das guerras. Assemelha-se ao dramático universo shakespeariano em que o cinismo, a hipocrisia, as dores, as tramas, as intrigas, a maldade humana, quem começou, quem sofreu mais e outros aspectos desfilam aos nossos olhos incrédulos. Israel leva vantagem nessa Guerra em relação aos Ocidentais?**

**Thiago Damasceno Pinto Milhomem** – Em relação aos Ocidentais e, principalmente, em relação aos palestinos, sim: Israel tem vantagens na guerra de narrativas e de propagandas. Isso acontece desde antes da fundação do país em 14 de maio de 1948, quando então o que havia era a implantação do sionismo, um projeto político colonizador e racista cujo objetivo central era criar, na Palestina, um Estado exclusivamente judaico. Os métodos para isso foram o apoio de potências colonizadoras, como o Império Britânico e, ainda hoje, a expulsão e eliminação dos nativos palestinos para substituí-los por imigrantes judeus. No século XX, a maioria desses imigrantes judeus era da Europa, onde sofriam com perseguições e matanças (os *pogroms* na Europa oriental) e onde eram alvos constantes de discriminações (Europa ocidental). Essa guerra de narrativas é baseada, em grande parte, na história dos judeus e em elementos religiosos e simbólicos.

Sobre a história dos judeus, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) os sionistas passaram a utilizar o Holocausto para justificar seus planos. Como afirmou a professora Helena Salem (1948-

1999) em sua obra “*O Que é Questão Palestina*”: “O momento era de especial emoção, já que o Ocidente respirava culpado a morte de 6 milhões de judeus, assassinados, diga-se de passagem, não pelos palestinos, mas pelos desenvolvidos e ‘civilizados’ europeus” (Salem, 1986, p. 27). Esse argumento israelense não nega a tragédia que foi o Holocausto, mas também é bastante problemático por defender a formação de um Estado exclusivo para os judeus em detrimento da expulsão e matança dos palestinos. Com isso, em prol da reparação pelo Holocausto, Israel legitima todas as suas violências, conseguindo com isso grande apoio geopolítico, midiático e popular. É um caso clássico de uso político do passado.

Os elementos religiosos e simbólicos, apesar de suas naturezas “imateriais”, têm uma base material e política, como o apoio de países como Estados Unidos, Reino Unido, França, dentre outros a Israel. Esses elementos se concentram, principalmente, na narrativa de “retorno dos judeus à Terra prometida”. Essa narrativa foi criada no século XIX, período de nascimento do sionismo, para legitimar e justificar a causa sionista. Apesar de outras regiões do mundo terem sido levadas em conta para criar o Estado judaico – como Uganda, Chipre, Argentina e Madagascar – a escolha pela Palestina, então uma província do Império Turco-Otomano, caiu como uma luva para as intenções imperialistas dos britânicos (criar uma base no Oriente Médio) e para argumentar em favor de um retorno heroico dos judeus perseguidos e expulsos da Palestina, alegando um direito natural e superior dos judeus àquela terra, quando na verdade já havia comunidades por lá no período medieval, após a expulsão feita pelos romanos na Antiguidade. Enfim, o sionismo inventou um “retorno necessário” de judeus e usa de elementos do Judaísmo para se legitimar. O interessante é que Israel encontra forte oposição dentre muitos judeus, incluindo ortodoxos, que são até perseguidos e presos arbitrariamente em Israel ao se manifestarem contra as medidas brutais do Estado israelense contra os palestinos. Nesse processo, o Antigo Testamento é usado como uma

escritura de posse da região pelos judeus. Um absurdo! Com tal carga emocional, forma-se uma opinião pública internacional em favor de Israel.

Mas toda essa construção é posta em xeque quando se sabe que os judeus foram um dos muitos povos que habitaram a Palestina em tempos históricos passados. Por que então privilegiar o retorno deles à região? Como raciocina o historiador israelense e judeu Shlomo Sand (1946-) em sua obra “*A Invenção do Povo Judeu*” (2008), com esse mesmo princípio Alandalus (sul e centro da Espanha) deveria então ser devolvido aos muçulmanos, pois eles lá estavam na Idade Média. Além disso, o Judaísmo é uma religião – com um legado ético e filosófico importantíssimos para o mundo –, portanto, aceita convertidos, apesar de o Judaísmo não ser, hoje, proselitista. Por que então, por exemplo, um brasileiro que se converta ao Judaísmo teria direito à cidadania israelense? Seus ancestrais reais historicamente mais recentes teriam vivido no Brasil ou em Israel? No Brasil, claro!

Sendo assim, o interesse de outros países em manter uma base no Oriente Médio e toda a comoção que as narrativas pró-Israel causam colaboram para construir uma rede de apoio internacional a Israel, por isso o país ganha na guerra de propagandas, embora esse apoio esteja sendo abalado, atualmente, pelas muitas manifestações populares em prol dos palestinos. Mas infelizmente, muitos governos ainda apoiam Israel, embora nem todos os seus povos. Faz-se necessário então distinguir *governos* das *populações* que eles governam.

## **2. Porque o Ocidente não se sensibiliza com a situação Palestina da mesma forma com que se sensibilizou com os ataques do Hamas no dia 7 de outubro?**

**TDPM** – A resposta anterior contempla essa questão. Junto a isso estão as construções políticas e discursivas, desde os projetos europeus colonizadores do século XIX, que colocam o árabe e o oriental como incivilizados, bárbaros, violentos e exóticos (orientalismo). Esse tema foi muito bem

tratado por Edward Said (1935-2003) em sua clássica obra *“Orientalismo: a invenção do Oriente pelo Ocidente”* (1978).

Devemos também levar em conta, derivado desse orientalismo, a xenofobia contra os árabes e a islamofobia (aversão e ódio a muçulmanos). No atual “andar da carruagem”, boa parte da opinião pública é favorável aos israelenses. Nesse processo, vidas palestinas importam menos, infelizmente. Afinal de contas, não é desejável e bem visto ser empático e solidário com pessoas consideradas terroristas e “animais”, como disse o ministro israelense da Defesa Yoav Gallant (AFP, 2023). Um cenário terrível! Mas como já disse, também estamos assistindo a grandes manifestações populares em defesa dos palestinos em diversos países.

### **3. Outro aspecto importante na conjuntura atual é o posicionamento das grandes potências? Como você avalia o envolvimento norte-americano? E a China? E a Rússia? França? Alemanha? E a Rússia?**

**TDPM** – No dia 9 de outubro, líderes dos Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha e Itália declararam apoio a Israel. Junto ao presidente estadunidense Joe Biden, o presidente francês Emmanuel Macron e o chanceler alemão Olaf Scholz (dentre outros dirigentes) assinaram uma declaração pró-Israel (G1, 2023). Nada de novo no *front*.

Assim, vemos que os Estados Unidos permanecem como o principal aliado de Israel. Após os ataques do Hamas de 7 de outubro, Biden disse o seguinte: “Os EUA estão com o povo de Israel, nunca deixaremos de apoiá-los (...) O apoio do meu governo à segurança de Israel é sólido como uma rocha e inabalável” (Alonso, 2023). Confirmando tal discurso, os EUA enviaram dois porta-aviões ao litoral de Israel, o USS Gerald R. Ford e o USS Dwight D. Eisenhower. A Rússia enviou caças com mísseis hipersônicos para monitorarem o mar Mediterrâneo. O presidente russo Vladimir Putin afirmou que isso não foi uma ameaça, mas uma ação de “controle visual” sobre o Mediterrâneo (AFP; O Globo, 2023). Só o tempo

dirá...

Durante a Guerra Fria a União Soviética se associava mais ao mundo árabe. Atualmente, a Rússia é aliada do Irã e mantém relações com o Hamas, nunca tendo declarado o grupo como terrorista. Além disso, uma delegação do Hamas foi recebida em Moscou em 2022 e neste ano. Contudo, não há evidências de um apoio direto russo ao Hamas, com armamentos e treinamentos, por exemplo. Ainda ocupada com a guerra contra a Ucrânia, a Rússia poderia estar interessada em desviar a atenção de sua guerra com as notícias da Palestina e de talvez mediar as tensões entre Hamas e Israel. Dmitry Peskov, porta-voz de Putin, disse que “Estamos mantendo contatos com ambos os lados do conflito” (Rosenberg, 2023).

Até o momento, a China atua para mediar o conflito Hamas-Israel. Wang Yi, atual Ministro das Relações Exteriores chinesas, tem sido um dos defensores do cessar-fogo nas reuniões da ONU. Sua relação mais próxima com o Irã (cuja China é o principal parceiro comercial) pode contribuir nesse tipo de ação, pois o Irã apoia tanto o Hamas em Gaza como o Hezbollah no Líbano. Além do Irã, a China tem boas relações com a Turquia, com os palestinos e com os árabes como um todo. Nos últimos meses a China mediou a retomada das relações diplomáticas entre Irã e Arábia Saudita, mas ainda é cedo para dizer o tamanho da sua influência no cenário israelense-palestino (Wong, 2023; Orr; Yaakoubi, 2023).

### **4. A forma enérgica com que Israel está agredindo a Faixa de Gaza pode acender algum tipo de antissemitismo?**

**TDPM** – Com certeza! O grupo Gracias (Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da USP, coordenado pela professora Doutora Francirosy Campos Barbosa, vem fazendo pesquisas sobre islamofobia, tendo publicado o primeiro relatório sobre islamofobia no Brasil no ano passado (Marchiore; Silva, 2022).

Dados preliminares de uma pesquisa iniciada após os acontecimentos de 7 de outubro –

com 240 respostas iniciais a um questionário *online* - vem mostrando que muçulmanos e muçulmanas no Brasil perceberam um aumento da islamofobia e viveram algum tipo de violência relacionada às tensões na Palestina. A maioria dos entrevistados também acredita que a cobertura da mídia hegemônica ocidental, normalmente orientalista, colabora para que se tenha uma visão negativa sobre os muçulmanos. No imaginário popular, qualquer muçulmano seria árabe e, devido a isso, seria terrorista e essencialmente violento (Faustino, 2023). Essa é uma triste e perigosa representação social sobre essa comunidade religiosa.

**5. Como você analisa a conjuntura global que, de um lado, vemos o ocidente acusar a Rússia – uma potência – em guerra com um país mais fraco – Ucrânia – e, ao mesmo tempo, coloca-se ao lado de outra potência – Israel – que cerca um povo que ao mesmo tem um Estado. Essa situação pode levar a falência definitiva da ONU?**

**TDPM** – Em primeiro lugar, essa indignação ocidental é seletiva e segundo interesses geopolíticos. Quando é conveniente, critica-se a Rússia por invadir a Ucrânia. Como Israel é um aliado tradicional dos EUA e de outros países, “passa-se um pano” para todas as violências e terrorismos de Estado promovidos por Israel contra os palestinos. O que é genocídio vira, no discurso, “guerra” e “conflito”, por exemplo. É ingenuidade acreditar que por trás dessas acusações há alguma preocupação moral, ética e com os direitos humanos. Se houvesse, outros países já teriam interferido na carnificina provocada por Israel há muito tempo.

Desde a criação de Israel em 1948 a ONU tem se mostrado incompetente, diplomaticamente, em impedir os crimes de guerra israelenses. Israel ignora as muitas resoluções da ONU para atenuar as tensões na Palestina – como a Resolução nº 242 do contexto da Guerra dos Seis Dias (1967) – e comete crimes de guerra sem sofrer sanções das grandes potências. Israel goza de grande impunidade no

cenário internacional, mesmo desobedecendo sistematicamente os acordos estabelecidos internacionalmente, incluindo as Convenções de Genebra.

Na prática, em termos diplomáticos, a ONU não tem a independência que deveria ter. Caso as grandes potências bélicas, principalmente os EUA, não tenham interesse, a agência não consegue agir em certos casos. A demissão voluntária de Craig Mokhiber, ex-diretor do escritório de New York do Alto Comissariado da ONU para Direitos Humanos, mostra a falência da instituição no conflito. Seguem trechos de sua carta de demissão: “Mais uma vez, estamos vendo um genocídio se desenrolar diante de nossos olhos, e a Organização a que servimos parece impotente para impedi-lo [...] Nas últimas décadas, partes importantes da ONU se renderam ao poder dos EUA e ao medo do *lobby* de Israel, abandonando esses princípios e se afastando do próprio direito internacional” (Chade, 2023).

Essas declarações mostram o desespero de um agente político internacional em reconhecer a incapacidade de sua agência para ajudar a amenizar um caso de genocídio, fora a questão da propaganda pró-israelense que consegue colocar o Estado de Israel como vítima em vez de principal promotor de violências contra os palestinos.

**6. Em sua opinião, a proteção Ocidental direcionada à Israel é fruto das feridas da Segunda Guerra Mundial ou uma forma de conter o crescimento dos países árabes, da Turquia e do Irã?**

**TDPM** – Acredito que essa proteção e apoio ocidentais têm origens no contexto da Segunda Guerra, de fato, porém, não necessariamente para conter o crescimento de países árabes, da Turquia e do Irã, mas para manter uma base e poder de influência no Oriente Médio. É interessante tanto para os EUA como para a Rússia, por exemplo, manter aliados na região por questões de política, mercado e exploração de recursos naturais (petróleo, gás, lítio, etc.).

O livro *O Estado Judeu* (1896), do

intelectual judeu austríaco Theodor Herzl (1860-1904), obra fundamental do projeto sionista, já mostrava a preocupação dos sionistas em manter alianças com países colonizadores. Essa ideia influenciou e influencia os agentes políticos do Estado de Israel: “Para a Europa, formaríamos ali parte integrante do baluarte contra a Ásia: constituiríamos a vanguarda da cultura na sua luta contra a barbárie. Como Estado neutro, manteríamos relações com toda a Europa que, por sua vez, teria de garantir nossa existência” (Herzl, 1997 p. 24).

Vemos que desde sempre os sionistas enxergam os árabes como “bárbaros incivilizados”. Fora isso, entender-se como um “Estado neutro” enquanto recebe apoio financeiro e militar direto é uma grande piada.

## **7. Como avaliar a participação dos atores regionais neste conflito? Irã? Arábia Saudita, Egito e Qatar?**

**TDPM** – Como destacam Felipe Vidal (Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ) e Reginaldo Nasser (professor de Relações Internacionais da PUC-SP), as relações entre Irã e Hamas são históricas devido às oposições do país e do grupo a Israel (Schroeder, 2023). Destaco aqui também as relações entre Irã e Hezbollah, já mencionadas. Sempre é bom lembrar que o Irã é herdeiro da antiga e medieval Pérsia, sendo, portanto, um país com tradição política autônoma e imperialista que vê com preocupação a instalação e o crescimento de um país aliados aos EUA em sua região. Apesar das últimas ameaças iranianas a Israel, o país não interviu diretamente e dificilmente intervirá, como se observa na história mais recente do Oriente Médio.

Em relação à Arábia Saudita... O país, junto a Israel, está entre os principais aliados dos EUA no Oriente Médio. Logo, dificilmente interferirá contra Israel. Vemos aqui que a religião não define geopolítica, pois se assim fosse, há muito tempo países islâmicos como Arábia Saudita e Irã teriam interferido em prol dos palestinos, de maioria muçulmana. Infelizmente, os palestinos não têm

poder de negociação no tabuleiro geopolítico por não terem poderes de negociações diretas. Israel vem conseguindo impedir a vida palestina. Até tornaram estrangeiro o território que é dos palestinos por direito.

Contudo, concordo com Nasser que as relações entre Israel e Arábia Saudita, que vinham negociando um acordo de normalização por meio dos EUA, podem ser abaladas, pois o país árabe criticou duramente as agressões israelenses aos direitos dos palestinos (Schroeder, 2023).

Apesar do seu passado bélico contra Israel, em 1978 Egito e Israel assinaram os Acordos de Paz de Camp David e o país afro-árabe foi o primeiro do mundo árabe a reconhecer a existência de Israel. Pela sua posição geográfica, o Egito é a via mais rápida para o envio de ajuda humanitária para Gaza, mas as autoridades do país não têm mostrado interesse em receber mais refugiados palestinos, uma vez que temem o ingresso de combatentes palestinos no país, que podem complicar suas relações com Israel ao poderem operar a partir do seu território, e por terem problemas internos para resolver, que poderiam aumentar com a recepção de refugiados. Esses dificilmente poderão retornar à Palestina. É de conhecimento do mundo árabe e do mundo, como um todo, que Israel não permite e nem facilita o retorno dos refugiados. Pelo contrário: prossegue construindo assentamentos ilegais.

Já o Qatar vem atuando como principal mediador do conflito Israel-Hamas ao negociar a libertação de reféns sob a custódia do Hamas. Curiosamente, esse país árabe do Golfo Pérsico não possui relações diplomáticas com Israel e é um dos financiadores do Hamas, embora o Qatar também abrigue a maior base militar estadunidense no Oriente Médio: Al Udeid. Apesar disso, o conselheiro de segurança nacional de Israel, Tzachi Hanegbi, agradeceu os esforços das autoridades do Qatar pela libertação dos reféns (Gardner, 2023). Isso mostra o interesse do Qatar em ter uma posição mais influente na geopolítica do Oriente Médio e a complexidade das relações nesse cenário.

## 8. Por que o conflito entre Israel e Palestina está longe de um desfecho positivo?

**TDPM** – Porque Israel não obedece aos acordos estabelecidos e goza de impunidade no cenário internacional. Ao analisar a história de Israel, vemos que esse Estado nunca teve interesse em favorecer a criação de um Estado palestino. Está no DNA do Estado de Israel - é o seu fundamento central – expulsar e matar palestinos para colocar no país imigrantes judeus. Israel é um Estado colonizador, expansionista e terrorista por excelência. Se não for parado, tomará de conta de toda a Palestina e, possivelmente, no futuro, procurará se expandir para os países árabes vizinhos. As Colinas de Golã, por exemplo, conquistadas da Síria na guerra de 1967, estão sob ocupação israelense até hoje. Acredito que o próximo passo da colonização sionista é a expansão de Israel para além da Palestina. E não se espantem se ainda usarem passagens bíblicas para justificar tudo isso!

### Referências

AFP. 'Estamos lutando contra animais e agindo de acordo'. **UOL Internacional**, 09 out. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/10/09/ministro-israelense-da-defesa-ordena-cerco-da-faixa-de-gaza.htm>

AFP; O Globo. Putin manda caças com mísseis hipersônicos monitorarem porta-aviões dos EUA enviados a Israel: 'Controle visual'. **O Globo: Mundo**, 19 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/10/19/putin-manda-avioes-com-misseis-hipersonicos-monitorarem-porta-avioes-dos-eua-enviados-a-israel.ghtml>

ALONSO, Juan Francisco. Quais países apoiam e quais condenam a resposta militar de Israel aos ataques do Hamas. **BBC News Brasil**, 06 nov. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cj78d7gzkl3o>

**BBC NEWS BRASIL**. Quais países apoiam o Hamas e como ele é financiado; resumo. **BBC News Brasil**, 20 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckkrlzd625qo>

CHADE, Jamil. Ao deixar cargo, diretor da ONU reconhece genocídio em Gaza e denuncia EUA. **UOL**, 31 out. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/10/31/ao-deixar-cargo-diretor-da-onu-denuncia-genocidio-em-gaza.htm>

FAUSTINO, Felipe. Dados preliminares de pesquisa revelam aumento da islamofobia no Brasil. **Jornal da USP**, 22 nov. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/dados-preliminares-de-pesquisa-revelam-aumento-da-islamofobia-no-brasil/>

GARDNER, Frank. O complexo papel do Catar como mediador para libertar reféns sequestrados pelo Hamas. **BBC News Brasil**, 28 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn084yg4m07o>

G1. Líderes dos EUA, Reino Unido, Alemanha, Itália e França expressam apoio a Israel. **G1 Mundo**, 09 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/09/lideres-dos-eua-reino-unido-alemanha-italia-e-franca-expressam-apoio-a-israel.ghtml>

HERZL, Theodor. **O Estado Judeu**. Tradução: Dagoberto Mensch (1997). Consulado Geral de Israel em São Paulo: Projeto Livro Livre, Livro nº 707, 2015. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/312367851-o-estado-judeu-theodor-herzl-iba-mendespdf-pdf-free.html>

MARCHIORE, Brenda; SILVA, Gustavo Roberto da. Pesquisadores da USP lançam o primeiro relatório sobre islamofobia no Brasil. **Jornal da USP**, 10 nov. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/pesquisadores-da-usp-lancam-o-primeiro-relatorio-sobre-islamofobia-no-brasil/>

ORR, Bernard; YAAKOUBI, Aziz El. Chanceleres de Irã e Arábia Saudita se reúnem na China. **CNN Brasil**, 06 abr. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ira-e-arabia-se-reunem-na-china/>

ROSENBERG, Steve. Como Putin pode ser beneficiado pelo conflito Israel-Hamas. **BBC News Brasil**, 14 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c25wxlr4z2lo>

SALEM, Helena. **O Que é Questão Palestina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SCHROEDER, Lucas. Por ligação histórica, apoio do Irã ao Hamas não surpreende, dizem especialistas à CNN. **CNN Brasil**, 09 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/por-ligacao-historica-apoio-do-ira-ao-hamas-nao-surpreende-dizem-especialistas-a-cnn/>

WELLE, Deutsche. A delicada posição do Egito no conflito Israel-Hamas. **Carta Capital**, 1 nov. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/a-delicada-posicao-do-egito-no-conflito-israel-hamas/>

WONG, Tessa. O papel que a China quer na guerra entre Israel e Hamas. **BBC News Brasil**, 04 nov. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyd1dqylrego>

### Nota do Autor

Destaco que essas questões foram respondidas no dia 25 de novembro de 2023 até o fim da tarde. Até esse período, a conjuntura geopolítica da Questão Palestina é a que se segue nas respostas e o genocídio de Israel sobre os palestinos e as tensões entre Israel e Hamas causaram os seguintes números:

i. Palestinos mortos e feridos em Gaza: mais de 14.854 mortos e mais de 35 mil feridos. Desses

mortos, mais de 6 mil eram crianças;

ii. Palestinos mortos e feridos na Cisjordânia Ocupada: mais de 229 mortos e mais de 2.750 feridos;

iii. Israelenses mortos e feridos: mais de 1.200 mortos e mais de 5.600 feridos.

Fontes: Palestinian Health Ministry, Palestine Red Crescent Society e Israeli Medical Services. Disponível em: <https://tinyurl.com/3w9zdz5z>

A trégua humanitária de 4 dias para trocas de reféns, entre Israel e Hamas, deveria ter começado plenamente em 24 de novembro, mas Israel a quebrou com ataques aos palestinos, atrasando a troca de reféns.

### Entrevistadores:

José Renato Ferraz da Silveira e  
George Leonardo Seabra Coelho